

O USO DE CÓDIGOS DE CORREÇÃO DE TEXTOS NO ENSINO EAD: PERCURSOS, PERSPECTIVAS E PERCEPÇÕES

THE USE OF TEXT CORRECTION CODES IN STUDENTS' TEXTS OF DISTANCE LEARNING: PATHWAYS, PERSPECTIVES AND PERCEPTIONS

Kári Lúcia Forneck¹
Róger Sullivan Faleiro²
Carolina Taís Werlang³

RESUMO

Este trabalho objetiva apresentar uma experiência de emprego didático de Códigos de Correção em textos de estudantes de ensino superior da modalidade de Ensino a Distância. Para isso, analisamos as produções textuais de estudantes dessa modalidade de ensino, nas quais foram aplicados os códigos elaborados para essa finalidade. Também analisamos as respostas de estudantes a um questionário em que se avaliou esse processo de correção dos textos. A partir das análises, pudemos observar as principais fragilidades na escrita dos estudantes e refletir sobre as potencialidades do uso de Códigos de Correção na correção de textos no ensino a distância.

Palavras-chave: Códigos de Correção, produção textual, ambiente virtual de aprendizagem, ensino a distância.

ABSTRACT

This paper aims to present an experience of didactic employment of Correction Codes in higher education students' texts of distance learning courses. To do that, we analyzed the textual productions of this type of education. Also, we analyzed the students' responses to a questionnaire in which this text correction process was evaluated. From the analyses, we were able to observe the main weaknesses in the students' writing and to reflect on the potential of the use of Correction Codes in the correction of texts in distance learning.

¹ Doutora em Letras pela PUCRS (2016), mestre em Letras pela PUCRS (2006) e graduada em Letras pela Univates (2002). ORCID:<https://orcid.org/0000-0001-5906-4269>. E-mail: kari@univates.br

² Mestre em Ensino pela Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES) e graduado em Letras Língua Portuguesa pela UNIVATES. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4136-839X>. E-mail: rsfaleiro@universo.univates.br

³ Graduada em Letras pela UNIVATES. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2503-777X>. E-mail: carolina.werlang@universo.univates.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2503-777X>.

Keywords: Correction Codes, text production, virtual learning environment, distance learning.

Considerações iniciais

A produção textual é uma atividade realizada seguidamente nas salas de aula, com diferentes objetivos: tornar o texto um objeto avaliativo, realizar atividades metalinguísticas, propor situações dissertativas e discursivas sobre diferentes temas. As estratégias que envolvem essa prática, entretanto, muitas vezes não apresentam objetivos pedagógicos claros e, por essa razão, os estudantes não reconhecem os motivos da produção de textos no ambiente escolar.⁴

Essa falta de objetivos claros quanto à produção textual impacta, também, as estratégias de correção desses textos, o que resulta em dificuldades continuamente apresentadas nos diversos níveis e modalidades de ensino. Nesse viés, embora seja uma atividade recorrente na escola, há poucas pesquisas que se dedicam a investigar as práticas de correção de texto ou analisar seu impacto na aprendizagem dos alunos (BAZARIM et al, 2021).

No ensino a distância, escopo em que esta pesquisa se realiza, com a não presencialidade do professor, as limitações em oferecer um retorno preciso sobre a prática escrita do estudante se intensificam, uma vez que a interação entre professor e aluno nesse cenário não acontece de forma presencial e precisa estar amparada por plataformas digitais, como o Moodle. Além disso, todos os processos que envolvem a produção textual desses textos também se embasam em tecnologias digitais, desde a escrita do aluno até a revisão final do professor.

Dado esse contexto, o presente estudo, elaborado no âmbito do projeto de pesquisa *O ensinar da infância à idade adulta: olhares de professores e alunos*, se propôs a verificar o processo de correção de textos de alunos do ensino superior, da modalidade de educação a distância (EaD), da Universidade do Vale do Taquari - Univates, a partir de uma prática de produção e avaliação escrita concretizada pelo uso de Códigos de

Correção. Os códigos podem ser definidos como um recurso tecnológico embasado na correção classificatória de Ruiz (2013) e nos bilhetes orientadores e foram elaborados a fim de qualificar e dinamizar o processo de produção e de correção textual da educação a distância da instituição. Atualmente, o emprego dessa metodologia está em fase de testes e este estudo pretende contribuir para o seu aperfeiçoamento.

Em vista disso, este trabalho, caracterizado como um estudo de caso nos termos de Yin (2010), tem como objetivos a) analisar o emprego dos Códigos de Correção nos textos de estudantes da modalidade EaD e b) verificar as percepções dos discentes em relação ao processo de correção e de avaliação de seus textos por meio do uso de códigos. Para isso, em um primeiro momento, serão discutidos os conceitos que ancoram este estudo. Em seguida, será apresentada a metodologia empregada, a análise dos dados e suas discussões e, por fim, as considerações realizadas a partir desses achados.

Considerações teóricas

Nesta seção, são traçadas considerações sobre os conceitos que fundamentam o estudo. Em um primeiro momento, discutem-se noções de texto e disserta-se sobre a correção textual, sob a perspectiva de Ruiz (2013), Passarelli (2012) e Bazarim *et al.* (2021). Após, apresentam-se os Códigos de Correção e o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) em que esta pesquisa se realizou.

a) O conceito de texto e de correção textual

Há muitas concepções a partir das quais se pode definir o que se entende por texto. A Linguística Textual (LT) se dedica ao estudo desse material linguístico e o entende como um evento comunicativo no qual convergem aspectos linguísticos, sociais e cognitivos (MARCUSCHI, 2008).

Neste trabalho, valemo-nos das considerações da LT e assumimos que texto é interação entre produtor, leitor e contexto de produção e de leitura (LEFFA, 1996; KOCH, 2003) e o reconhecemos como expressão de uma atividade social (ANTUNES, 2010). Com isso, compreendemos que a prática escrita em ambiente formal de educação precisa ser alicerçada em objetivos claros e condizentes com as situações reais de uso da língua.

Ainda que não seja foco deste estudo, levando em conta nossas experiências empíricas, é importante considerar que a realidade docente no Brasil produz um cenário com profissionais com extensa carga horária e com muitas turmas, o que dificulta a disponibilidade para a produção e a correção detalhada dos textos dos estudantes. Assim, por vezes, o trabalho com o texto em sala de aula apenas foca em sua produção com um objetivo avaliativo e não de formação cidadã. Soma-se a esse cenário, a falta de critérios de avaliação claros e de comentários que justifiquem a avaliação atribuída, resultando na ausência de reflexão dos estudantes sobre a sua escrita e no não reconhecimento das potencialidades e fragilidades de suas produções.

Nesse sentido, embora a correção de textos na escola e no ensino superior - foco deste estudo - seja tão frequente quanto a produção textual, muitos professores não refletem “sobre os seus efeitos no processo de ensino e aprendizagem da escrita” (BAZARIM et al, 2021, p. 125). Isso porque a correção textual nos ambientes formais de educação, geralmente, segue uma espécie de caça-erros (RUIZ, 2013), em que se indicam apenas as inadequações gramaticais a fim de higienizar o texto (PASSARELLI, 2012) e não se constitui um espaço de reflexão sobre o percurso de escrita.

Do ponto de vista das estratégias de correção, conforme Ruiz (2013), é possível categorizar a correção textual em quatro tipos: a correção resolutiva, a correção indicativa, a correção classificatória e a correção textual-iterativa. Cada uma dessas estratégias aborda diferentes aspectos e exige diferentes papéis do professor e do aluno.

O primeiro tipo, como a nomenclatura sugere, foca na solução dos problemas encontrados ao longo do texto e “consiste em corrigir todos os erros, reescrevendo palavras, frases e períodos inteiros” (RUIZ, 2013, p. 41). Esse processo é realizado pelo professor que “procura separar tudo o que no texto é aceitável e interpretar as intenções do aluno sobre trechos que exigem uma correção” (RUIZ, 2013, p. 41). Dessa forma, o aluno não participa ativamente da correção de sua produção textual, uma vez que ela já é realizada integralmente pelo docente.

A correção indicativa, por sua vez, geralmente se limita à indicação de “erros localizados, como os ortográficos e os lexicais” (RUIZ, 2013, p. 36), sendo esse processo

a estratégia mais utilizada pela maioria dos professores. Com ela, o docente marca em que parte do texto está a inadequação e o aluno é responsável por corrigi-la.

A correção classificatória é baseada no emprego de códigos para indicar as inadequações no texto. Nesse caso, o professor delimita quais os símbolos disponíveis e seus respectivos significados e os utiliza ao longo da produção textual do estudante. Cabe ao aluno, valendo-se dos códigos recebidos, realizar a correção do texto e modificar as partes que solicitam ajuste.

Por último, a correção textual-interativa acontece quando o professor deixa um recado ou bilhete ao fim do texto do estudante com comentários relativos à sua escrita. Com essa devolutiva, há mais abertura para destacar os pontos positivos e negativos da produção e tornar a correção mais particularizada.

As correções textual-interativas e parte das classificatórias requerem um maior esforço do aluno, para compreender a natureza do problema e para definir estratégias de reescrita. Já as correções resolutivas, indicativas e algumas classificatórias produzem uma reescrita mais eficaz em se tratando da solução dos problemas evidenciados, ainda que exijam menor esforço de reescrita, pois indicam problemas mais pontuais e bem delimitados (DINIZ, 2011).

Na modalidade EaD, escopo em que esta pesquisa se desenvolve, o processo de escrita e correção de textos é mediado pelo uso de plataformas tecnológicas, e o professor, assim como na modalidade presencial, pode optar por diferentes estratégias de correção. No entanto, na educação a distância não há contato presencial entre professor e aluno, sendo a interação estabelecida pelos recursos oferecidos nos AVA. Dessa forma, as estratégias de correção precisam ser adaptadas às possibilidades disponíveis na sala de aula virtual, o que vem a ser potente, visto que o uso da tecnologia “pode ser um aliado e provocar mudanças positivas nas formas de pensar sobre a correção de textos e de agir na prática corretiva” (BAZARIM et al, 2021, p. 150), ainda que a não presencialidade possa imprimir dificuldades na compreensão das estratégias de correção do texto.

Como vimos, há diferentes formas de realizar a correção textual em sala de aula e que cada uma das estratégias corretivas assume ou dispensa determinados formatos e características. Feita a apresentação de alguns conceitos, na sequência apresentamos o

processo de correção pautado na correção classificatória e textual-interativa e elaborado para ser empregado na modalidade EaD.

b) O uso de códigos de correção em Ambientes Virtuais de Aprendizagem

Os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) viabilizam a educação a distância e são os espaços digitais em que a interação entre docentes e discentes acontece. Os AVA são “desenvolvidos com o objetivo de promover a aprendizagem” e “são espaços eletrônicos construídos para permitir a veiculação e interação de conhecimentos e usuários” (BARROS; CARVALHO, 2011, p. 215).

Assim sendo, no EaD, todo o processo de ensino é amparado pelo ambiente virtual e todas as atividades, avaliações e explicações são disponibilizadas pelos recursos da plataforma. Com a não presencialidade, o professor ocupa a posição de mediador do conhecimento e os estudantes “estabelecem uma posição mais ativa, organizando suas atividades, realizando autoestudo e interagindo de forma assíncrona e síncrona” (VASCONCELOS; DE JESUS; SANTOS, 2020, p. 15551) nessa sala de aula virtual.

Esse cenário requer maior autonomia por parte do aluno e exige do professor outras formas de interagir com a turma. Nesse viés, a produção textual desenvolvida em contexto EaD também se alicerça nas tecnologias do AVA, desde a escrita à correção do texto. Dessa forma, o estudante posta o seu texto na plataforma e o retorno realizado pelo docente ou tutor também acontece através do software. Para isso, o corretor pode se valer de diferentes estratégias corretivas e se aproveitar dos recursos dispostos no ambiente virtual.

Com base nisso, o setor EaD da Universidade do Vale do Taquari - Univates elaborou Códigos de Correção para serem utilizados na correção textual produzida nos ambientes virtuais da instituição. Pautados nos conceitos de correção classificatória (RUIZ, 2013) e de bilhetes orientadores, o uso dos códigos tem por objetivo dinamizar e qualificar o processo corretivo de textos produzidos na modalidade semipresencial. Para isso, eles correspondem a diferentes necessidades de adequação no texto, sendo caracterizados por um símbolo e identificados por uma legenda explicativa:

Quadro 1 - Códigos de Correção

	Falta de clareza nas ideias: Seja mais objetivo e claro na apresentação do que você quer dizer.
	Evite utilizar um termo ou palavra mais de uma vez na mesma frase, ou muito próximo.
	Reveja a escrita da palavra (ortografia/acentuação).
	Reveja a pontuação no trecho em destaque (uso inadequado ou ausência de sinais de pontuação).
	Reveja a concordância (verbal ou nominal) nesse trecho. Dizemos que há problema de concordância verbal quando o sujeito não está concordando com o verbo (exemplo de escrita incorreta: A turma toda concordam com a questão); e de concordância nominal, quando o substantivo não está concordando com os seus determinantes (exemplo: Eram questões difícil).
	Coloque entre aspas todo o trecho que você copiar de outro texto. Além disso, indique o sobrenome do autor e o ano de publicação do texto e, ao final do trabalho, coloque a referência completa do texto consultado. Essas informações podem ser encontradas no Manual de Trabalhos Acadêmicos da Univates.
	Padronize a formatação. Utilize os tipos de letra "Arial" ou "Times New Roman", tamanho 12. Alinhamento justificado para o texto e espaçamento entre linhas de 1,5. Espaçamento entre parágrafos e recuo de parágrafo. Para mais detalhes sobre formatação, verifique o Manual de Trabalhos Acadêmicos da Univates.
	Uso incorreto da palavra no contexto: Revise o significado da palavra.

Fonte: Univates EaD (2020)

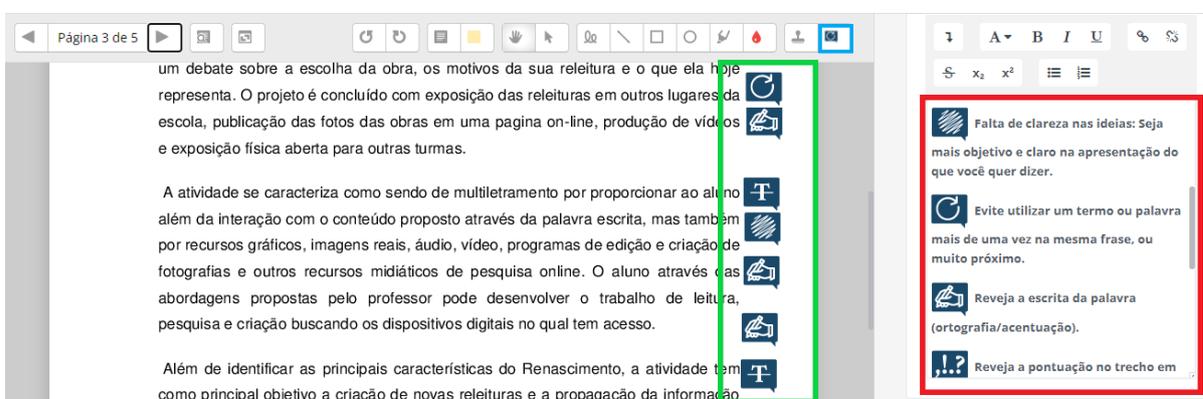
Os códigos criados focam nos critérios de textualidade relativos à coesão e à coerência (MARCUSCHI, 2008). Os aspectos coesivos estão relacionados à “estruturação da sequência (superficial) do texto” (MARCUSCHI, 2008, p. 99). Como os códigos seriam empregados em contextos de educação a distância, sem um diálogo imediato entre professor e estudantes, foi preciso evitar nomenclaturas e classificações de difícil compreensão. Além do mais, procuramos inserir breves explicações a fim de auxiliar o estudante no processo de compreensão do problema textual a ser corrigido.

Também, a utilização dos códigos segue uma perspectiva metacognitiva, uma vez que disponibiliza um *feedback* para o estudante e permite a reflexão do aluno sobre a sua escrita. A metacognição, como a entendem Kato (2007) e Leffa (1996; 2015), é princípio teórico assumido em ações prévias do grupo de pesquisa, que já se dedicou à produção de material didático digital para o ensino da leitura, concretizando ações de aprendizagem as quais trazem para o plano da consciência o percurso a ser adotado no desenvolvimento da compreensão leitora (FORNECK; FUCHS; BERCH, 2015; MARTINS *et al*, 2016; FORNECK *et al*, 2020). No presente estudo, por sua vez, procuramos concretizar o

mesmo princípio - a consciência e o automonitoramento sobre seu percurso de aprendizagem para a tomada de decisão em relação à produção de conhecimento - na produção textual.

Na correção textual com o uso dos Códigos de Correção, elaborados pela instituição, os docentes leem o material do aluno e, quando há uma inadequação, sinalizam com o símbolo respectivo na frase em que ela está e colocam a legenda correspondente no espaço dedicado aos comentários. Dessa forma, não há uma marcação explícita do que o estudante precisa rever ou alterar, o que o provoca a refletir sobre a sua produção e encontrar o que precisa ser ajustado. Na imagem abaixo, é possível visualizar como se realiza a correção:

Imagem 1 - Utilização de Códigos de Correção em Ambiente Virtual de Aprendizagem



Fonte: autores (2021)

Em verde, está destacada a posição dos códigos, colocados no canto direito ao final da linha em que a inadequação foi identificada. Para colocá-los, selecionamos o ícone em azul, optamos pelo símbolo desejado e, tal qual um carimbo, os dispomos no local apropriado. Já em vermelho, apontamos o espaço destinado aos comentários, em que foi disponibilizada a legenda dos símbolos.

Após esse processo realizado pelo professor/corretor, o estudante recebe o texto e, se preciso, deve fazer as correções necessárias. Sabemos que na correção textual, “não é raro anular a etapa em que o aluno examina a própria escrita e analisa até que ponto sua comunicação/expressão conseguiu traduzir o que de fato queria comunicar/expressar” (VITÓRIA, CHRISTOFOLI, 2013, p. 48). Por essa razão, se faz necessário possibilitar a

participação do discente no processo corretivo. Nessa perspectiva, as correções do tipo classificatória e textual-interativa, em que a elaboração dos códigos está pautada, demandam um maior esforço do aluno para compreender a natureza do problema e para definir a estratégia de reescrita, como já evidenciado por Diniz (2011).

A partir dessa fundamentação, concebemos o conceito de texto, as estratégias de correção textual e o emprego dos Códigos de Correção no processo de produção escrita desenvolvida em ambientes virtuais de aprendizagem por alunos da modalidade EaD. Na próxima seção, apresentamos a metodologia empregada para a execução deste estudo de caso.

Metodologia

Com o intuito de contemplar os objetivos propostos neste trabalho, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa a partir de um estudo de caso (YIN, 2010). A escolha por essa metodologia se deu baseada no interesse de quantificar os Códigos de Correção utilizados na correção de textos de alunos do ensino superior e de analisar suas percepções quanto ao emprego dos códigos em seus trabalhos.

Para isso, definiu-se como sujeitos da pesquisa⁵, uma turma do componente curricular *Práticas de Letramento* o qual abrange cursos de licenciatura, como Letras, História e Pedagogia, da modalidade EaD da Universidade do Vale do Taquari - Univates.

Ao longo desse componente curricular, foi realizada uma prática de produção textual em que os acadêmicos deveriam apresentar uma proposta didática e discorrer sobre ela a partir do conteúdo estudado de “Multiletramentos”, que fazia parte dos procedimentos metodológicos da aula. Portanto, a produção escrita se deu seguindo o plano de ensino do componente curricular. Após a escrita dos trabalhos, os pesquisadores tiveram contato com os textos produzidos e realizaram o processo de correção através do uso de Códigos de Correção. Assim sendo, quando se identificava uma inadequação no material linguístico, os revisores a sinalizavam ao final da frase com os códigos, sem marcar explicitamente qual era a necessidade de ajuste encontrada. As legendas dos

⁵ Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), consentindo com sua participação na pesquisa.

códigos utilizados eram colocadas em uma caixa de comentários disponível no sistema, como mostra a Imagem 1.

No total, foram corrigidos 44 textos, que correspondiam a todos os estudantes matriculados no componente curricular. Mas, como apenas 12 deles assinaram o TCLE, neste texto apresentamos apenas os dados dessas 12 produções textuais. Após a correção, fizemos a contabilização dos códigos utilizados a fim de quantificar o emprego dos símbolos e analisar quais são as maiores demandas dos estudantes na escrita de textos. Ainda, com a finalidade de verificar as impressões dos discentes quanto a esse tipo de correção, os estudantes foram convidados a responder a um questionário desenvolvido no Google Forms com 5 perguntas discursivas. Dos 12 estudantes aptos a responder ao questionário, apenas 2 participaram da atividade. O formulário ficou aberto à resposta durante 21 dias. Em seguida, valendo-nos das duas respostas recebidas, fizemos a análise desse retorno com base na Análise de Conteúdo (AC) de Bardin (2011). A AC prevê o desenvolvimento de uma análise que se constrói a partir das inferências produzidas por nuances, arranjos e agrupamentos em categorias dos materiais disponíveis.

Na próxima seção, apresentamos as respostas e as discussões provenientes dessa investigação.

Análise dos resultados e discussões

A análise dos dados coletados divide-se em a) analisar o emprego dos Códigos de Correção e b) verificar as percepções dos estudantes em relação ao uso dos códigos na correção de suas produções textuais. Para contemplar o primeiro objetivo, exibimos na sequência um quadro que quantifica os códigos utilizados no processo corretivo dos textos dos 12 participantes da pesquisa.

Quadro 2 - Quantificação dos códigos utilizados

Código de Correção	Ocorrência
Falta de clareza nas ideias	15
Evite utilizar um termo	4
Reveja a escrita de palavras	23
Reveja a pontuação	20
Reveja a concordância	12
Coloque entre aspas	7
Padronize a formatação	74
Uso incorreto da palavra no contexto	7

Fonte: Os autores (2022)

Como exposto, percebemos que as maiores inadequações são referentes à formatação dos trabalhos nas normas previstas pela ABNT, o que demonstra uma fragilidade dos alunos em relação a esse aspecto. Nos textos corrigidos, o uso desse código ocorreu 74 vezes e sinalizou, principalmente, problemas de organização de parágrafos, espaçamento, tamanho da fonte e estruturação da capa.

Conforme Yamaguchi e Furtado (2018), os estudantes universitários relatam maiores dificuldades na formatação das normas de um trabalho acadêmico, o que pode revelar pouco contato dos alunos com a escrita científica. Essa problemática também é ilustrada pelas 7 inadequações quanto à citação de textos de outros autores e à referência completa dos trabalhos consultados, marcadas pela falta de indicação de fonte ou de referência bibliográfica.

Em seguida, o código que marca inadequações relacionadas à escrita de palavras foi o mais empregado. Com ele, sinalizou-se problemas de ortografia e de acentuação.

Na sequência, o código mais usado foi o que sinaliza inadequações referentes ao emprego de pontuação. Nesses 20 casos, foi observado, especialmente, o uso irregular de vírgulas separando o sujeito e o verbo. Esse dado vai ao encontro dos achados de Becher e Busse (2019) no que diz respeito aos usos desnecessários de pontuação, visto que no estudo desenvolvido pelas pesquisadoras o “uso da vírgula para separar o sujeito do predicado” teve maior ocorrência nos 86 textos de alunos do Ensino Médio analisados por elas.

Após, por ordem de quantificação, a falta de clareza nas ideias foi marcada 15 vezes nos textos corrigidos. Esse problema pode estar relacionado ao domínio do estudante acerca do tema abordado no componente curricular. Ainda que não tenha sido avaliado, neste estudo, se o conteúdo temático dos textos estava ou não adequado à aprendizagem esperada pelo professor em relação ao conceito de multiletramento - função atribuída à professora que conduziu as atividades das aulas⁶, é importante destacar que a

⁶ Após a etapa de correção feita como relatado na metodologia, os textos foram avaliados pela docente responsável pela condução das aulas. Nessa etapa, foi considerada a pertinência da produção textual aos objetivos da atividade. Feita essa avaliação, a professora decidiu pela realização de uma nova atividade

incoerência, seja ela de qualquer natureza, é difícil de se ajustar sem maior aprofundamento de leituras e estudos. Portanto, não iremos detalhar essas discussões neste trabalho.

Adiante, o código que simboliza a necessidade de rever a concordância nominal e verbal foi utilizado 12 vezes. Os estudantes demonstraram maiores lacunas em relação à concordância verbal, uma vez que, em muitos trabalhos, não concordavam adequadamente os sujeitos com os verbos e deixaram de fazer a pluralização quando preciso.

Por último, o código menos utilizado foi o referente à repetição de termos ou palavras em uma mesma frase ou em períodos próximos. Usado apenas 4 vezes, o símbolo marcou a necessidade de alterar vocábulos a fim de evitar a repetição.

A partir da correção dos textos com o uso dos Códigos de Correção, pudemos perceber algumas fragilidades dos estudantes na escrita de suas produções. Também, sendo este um estudo experimental, verificamos a importância de acrescentar outros códigos aos já criados, a fim de contemplar outros aspectos do desenvolvimento da produção escrita dos alunos. Algumas das lacunas apresentadas estão relacionadas, principalmente, à não uniformidade das vozes do texto, no caso, o uso de primeira pessoa e de terceira pessoa em um mesmo texto, a ocorrência de ambiguidade, a indicação de plágio e o uso incorreto de conjunções.

Porém, embora reconheçamos que outros códigos possam ser adicionados aos já disponíveis, sabemos que à medida que as produções textuais são corrigidas, outros símbolos são necessários a fim de contemplar as inadequações encontradas. Portanto, em um primeiro momento, salientamos que o espaço dedicado a comentários no AVA pode ser um recurso oportuno para o professor traçar considerações acerca de aspectos não atendidos pelos Códigos de Correção. Dessa forma, assim como propõe o estudo de Bazarim *et al.* (2021) sobre a correção textual, o avaliador não fica restrito aos critérios corretivos determinados pelo ambiente virtual.

escrita e não pela reescrita do texto, uma vez que os estudantes não haviam desenvolvido as habilidades de aprendizagem previstas no componente curricular.

Para contemplar o segundo objetivo e verificar as percepções dos alunos em relação ao uso de Códigos de Correção em seus textos, desenvolvemos um questionário cujas respostas são apresentadas e discutidas na sequência. Como retorno, analisamos as considerações de dois participantes, aqui identificamos como Sujeito 1 e Sujeito 2.

Ao serem questionados sobre como a correção de textos era realizada quando estavam na escola, ambos responderam que o professor identificava as inadequações e as resolvia e que às vezes o docente fazia algum comentário. O Sujeito 1 (S1) e o Sujeito 2 (S2) afirmaram, respectivamente, que

Na maioria das vezes, escrito (pelo professor) a palavra correta em vermelho ou um ponto de interrogação (S1).

Durante a minha caminhada escolar as professoras liam os textos e apontavam se havia erros, às vezes escreviam alguma coisa (bom, muito bom...). Na faculdade as profes indicam o que pode ser melhorado e explicam melhor alguns itens (S2).

Os excertos acima ilustram uma realidade comum nas salas de aula, em que a correção de textos é pautada na identificação e na resolução das inadequações pelo professor. Dessa forma, as estratégias de correção indicativa e resolutiva (RUIZ, 2013) são empregadas e se destacam em muitos ambientes escolares. Também, as respostas demonstram que escrever comentários ou bilhetes orientadores não é uma prática realizada com frequência, mesmo que seja potente já que oportuniza a reflexão por parte do autor do texto.

Embora tais respostas sejam apenas um recorte, elas lançam luz às possíveis diferenças entre a correção realizada na escola e na universidade. Segundo os respondentes, mesmo em contexto semipresencial, os professores da faculdade fazem indicações do que pode ser melhorado no texto e, conforme S2, na universidade

Os professores sempre apontam por meio de anotações e se preocupam quando não expressamos bem nossa opinião ou quando apresentamos um conceito distorcido (S2).

Parece-nos que a correção no ensino superior oferece um retorno mais específico e detalhado ao estudante, inclusive na modalidade EaD em que não há contato direto entre professor e aluno. Também por essa razão, na universidade, percebemos que os docentes

se valem mais da correção textual-interativa e disponibilizam comentários nas produções dos estudantes.

Sobre o uso dos Códigos de Correção, especificamente os criados pela universidade, os sujeitos afirmaram que conseguiram compreender o emprego dos códigos e que a legenda com a identificação dos símbolos elucidou o uso desse recurso. Conforme S1, “foi bem prático entender e localizar. A legenda dos códigos também é bem elucidativa”.

Em relação à identificação de inadequações, S1 respondeu que teve um pouco de dificuldades, pois não havia a especificação do local que precisava ser corrigido, como a marcação de uma frase ou de determinada palavra. Essa inadequação revela a importância de ações metacognitivas também na produção escrita escolar. Isso porque a autorregulação e o automonitoramento na organização do próprio texto, se mediados por práticas de ensino que tenham essa finalidade, podem gerar resultados positivos na aprendizagem dos alunos (FIDALGO; GARCÍA, 2008). Ainda que essa afirmação não possa ser reiterada pelos dados obtidos na presente pesquisa, entendemos que uma abordagem que oportuniza a reflexão do estudante sobre a sua escrita e solicita que ele perceba a inadequação e a corrija pode ter impactos positivos na qualificação da produção escrita, inclusive em contextos de educação a distância, mediados por tecnologias digitais.

Em vista disso, com base nas respostas obtidas com o questionário, podemos refletir sobre a prática corretiva e sobre as potencialidades do uso de Códigos de Correção nesse processo. Os dados obtidos neste estudo dialogam com as conclusões da investigação desenvolvida por Gonçalves e Pinho (2014) que reportaram um estudo de caso de avaliação de textos em ambientes hipermediáticos, no intuito de, entre outros objetivos, comparar a atividade de correção em ambiente digital à correção em contexto presencial. Para os autores, não há prejuízo na produção e avaliação de textos em ambientes virtuais, como no senso comum se pode supor. Além disso, segundo os autores, a correção textual-interativa é a que se mostrou mais eficaz; entretanto,

[...] o estudo mostrou que todas as categorias de intervenção apresentam vantagem para o processo de reescrita textual, o que nos permite inferir que devem ser utilizadas de maneira conjunta (GONÇALVES; PINHO, 2014, online).

Apesar do baixo retorno dos participantes, conseguimos inferir que há diferenças entre a correção realizada na escola e na universidade. Mesmo que o dado não seja abrangente, é possível identificar, pelas respostas dos estudantes, que a indicação do que pode ser melhorado no texto é importante para a tomada de consciência acerca do seu processo de escrita. Por essa razão, os Códigos de Correção propostos trazem explicações que conduzem o estudante a refletir sobre seu percurso de aprendizagem.

Ao final do estudo, constatamos que os códigos podem ser um recurso eficiente para a correção das produções textuais de alunos EaD.

Considerações finais

Este trabalho tinha como objetivos a) analisar o emprego dos Códigos de Correção nos textos desses estudantes e b) verificar as percepções dos discentes em relação ao processo de correção e de avaliação de seus textos por meio do uso de códigos.

A partir da metodologia empregada e dos resultados obtidos, pudemos quantificar o uso dos Códigos de Correção nos textos produzidos por alunos do ensino superior da modalidade EaD e analisar quais são as suas principais fragilidades na produção textual. Com isso, percebemos maior ocorrência do código que sinaliza problemas de formatação dos textos, o que explicita as limitações dos universitários em formatar trabalhos acadêmicos seguindo as normas estabelecidas pela ABNT. Também, verificamos maiores dificuldades no que diz respeito ao uso inadequado ou ausência de pontuação e na ortografia e acentuação de palavras.

Sobre as percepções dos alunos quanto ao uso de códigos na correção de seus textos, observamos que os acadêmicos conseguiram entender os símbolos utilizados e que a legenda disponibilizada auxiliou na compreensão.

Ainda que seja uma proposta singular e que tenha sido experimentada com um grupo limitado de sujeitos, entendemos que o uso de Códigos de Correção no processo corretivo de produções textuais em contexto de educação a distância pode vir a ser uma alternativa que dinamiza a correção de textos e qualifica essa prática, à medida que solicita do estudante maior reflexão sobre sua escrita.

Referências

ANTUNES, Irandé. *Análise de textos: fundamentos e práticas*. São Paulo: Parábola, 2010.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, Maria das Graças; CARVALHO, Ana Beatriz. As concepções de interatividade nos ambientes virtuais de aprendizagem. In: SOUZA, Robson; MOITA, Filomena; CARVALHO, Ana Beatriz (Org.). *Tecnologias digitais na educação*. Paraíba: EDUEPB, 2011. p. 209-230.

BAZARIM, Milene; GONÇALVES, Adair Vieira; FECHUS, Gustavo. A textualidade em critérios de correção de texto de uma Plataforma Adaptativa: um estudo de caso. *Revista Letras Raras*, Campina Grande, v. 10, n. 2, p. 124-154, mai. 2021. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/2125>. Acesso em: fevereiro de 2022.

BECHER, Tatiane Cristina; BUSSE, Sanimar. Análise do uso da pontuação em produções do ensino médio. *Fólio - Revista de Letras*, Salvador, v. 11, n. 2, 2019. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/5738>. Acesso em: fevereiro de 2022.

DINIZ, Izabel Cristina. Um estudo sobre a correção de textos: diário de leitura. *Revista de Letras*, Brasília, v. 4, n. 2, p. 39-55, 2011. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/article/view/3088/2022>. Acesso em: fevereiro de 2022.

FIDALGO, Raquel Fidalgo; GARCÍA, Jesús-Nicasio. Desenvolvimento da competência escrita através do ensino metacognitivo da escrita. *Cultura e Educação*, p. 325-346, 2008. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1174/113564008785826321>. Acesso em: fevereiro de 2022.

FORNECK, K. L.; FUCHS, J. T.; BERCH, M. E. Objetos digitais de aprendizagem para o ensino e a aprendizagem da leitura. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 208-228, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/4510>. Acesso em: fevereiro de 2022.

FORNECK, K. L., Martins, S. N., Werlang, C. T., Faleiro, R. S., Vicari, P. L., & Martins, K. de S. (2020). Um estudo sobre o percurso de leitura em ambiente digital. *Letrônica*, v. 13, n. 4, p. 1-10, 2020. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/37628>. Acesso em: 09 fev. 2022.

GONÇALVES, Adair Vieira; PINHO, Alexandra Martins. *Correção textual em ambiente hipermediático*. In: ENEPEX, 8., 20 a 24 out. 2014. *Anais [...]*. Dourados: UEMS/UFGRD, 2014. 20p.

KATO, Mary A. *O aprendizado da leitura*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

KOCH, Ingedore. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2003.

LEFFA, Vilson J. *Aspectos da leitura*. Porto Alegre: Sagra DC Luzzatto, 1996.

LEFFA, Vilson J. Leitura, Compreensão e metacognição. In: PEREIRA, V. W. et al. (Eds.). *Compreensão e processamento da leitura: uma visão psicolinguística*. Porto Alegre: Edipucrs, 2015. [Audiobook, 16min52seg]. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/Ebooks//audio/cpl/>. Acesso em: 07 fev. 2021.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTINS, S. N., Forneck, K. L., Diesel, A., Bublitz, G. K. 2016. Digital objects for the learning of reading: An active teaching methodology. *Calidoscópio*, v. 14, n. 3, p. 413-422, 2016. Disponível em: <http://www.revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2016.143.05>. Acesso em: 09 fev. 2022.

PASSARELLI, Lílian G. Ensino de produção textual: da ‘higienização’ da escrita para a escrita processual. In: CINTRA, Anna Maria Marques; PASSARELLI, Lílian Ghiuro (Coord.). *A pesquisa e o ensino em Língua Portuguesa sob diferentes olhares*. São Paulo: Blucher, 2012. p. 89 – 106.

RUIZ, Eliana Donaio. *Como corrigir redações na escola*. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

VASCONCELOS, Cristina R. Dourado; JESUS, Ana L. Paranhos; SANTOS, Carine de Miranda Santos. Ambiente virtual de aprendizagem (AVA) na educação a distância (EAD): um estudo sobre o moodle. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 6, n. 3, p. 15545-15557, mar. 2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/8165>. Acesso em: 07 fev. 2022.

VITÓRIA, Maria Inês Côrte; CHRISTOFOLI, Maria Conceição Pillon. A escrita no Ensino Superior. *Revista Educação da UFSM*, Santa Maria, v. 38, n. 1, p. 41-54, jan./abr. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/5865>. Acesso em: 07 fev. 2022.

YAMAGUCHI, Klenicy K. de Lima; FURTADO, Maria Aparecida Silva. Dificuldades na leitura e escrita de textos científicos de estudantes universitários no interior do Amazonas. *Revista Educação Online*, Rio de Janeiro, n. 28, p. 108-125, 2018. Disponível em: <http://educacaoonline.edu.puc-rio.br/index.php/eduonline/article/view/445#:~:text=Observou%2Dse%20que%20as%20dificuldades,novas%20pesquisas%20e%20novos%20conhecimentos>. Acesso em: 07 fev. 2022.

YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

Recebido em 10/03/2023.

Aprovado em 07/06/2023.